

ARQUITETURA DE INTERIORES: PROJETO E DESIGN

PETRICÓSKI, Isabela Frison¹
SOUSA, Renata Esser

RESUMO

O presente artigo objetivou realizar uma pesquisa teórica e análise de estudo de caso de incentivo da arquitetura de interiores focando no conceito, projeto, design e, identificando pontos principais no estudo de caso escolhido, a fim de afirmar o resultado certo de um bom projeto. E a questão que surge sobre o problema da pesquisa é: Quais são os pontos principais para o desenvolvimento e execução de um projeto de interiores de sucesso? Tendo como objetivo geral, o aprofundamento nos estudos do tema e, fazendo uma análise, para mostrar na prática, um estudo de caso projetual com foco nos pontos citados na pesquisa teórica. Portanto, o trabalho prevê facilitar a organização na arquitetura de interiores, através de uma linha de pesquisa clara e atual, baseado no conteúdo de grandes bibliografias.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura, Projeto, Interiores, Design.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo foi desenvolvido através de pesquisas bibliográficas sobre arquitetura de interiores, tendo como objetivo abordar uma teoria de estímulo ao assunto abordado, incentivando na arquitetura a temática escolhida de projeto de interiores.

Justificará em aspecto profissional a qualificação deste para colocar em prática na arquitetura brasileira, também se justifica em aspecto acadêmico científico, pois, incentivará a produção de projetos de interiores com qualidade. Como sócio-cultural haverá um incentivo no bem estar social e proporcionará uma clara visão da arquitetura de interiores co-relacionando com um design.

Dessa forma o tema terá um objeto de estudo, e mostrará como objetivo principal, analisar um projeto de interiores, sob a relação de projeto e design, sendo respaldado pela revisão bibliográfica, onde serão apresentados conceitos de espaço, design e arquitetura de interiores, e analisados os tópicos de ergonomia, equilíbrio e proporção, cores e texturas, iluminação e qualidade dos materiais.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

¹ Aluna do décimo período do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: isa_petricoski@hotmail.com

Arquiteta e Urbanista. Mestre em Arquitetura e Urbanismo UEM | UEL Professora do Centro Universitário FAG e orientadora da presente pesquisa. E-mail: re_esser@hotmail.com.

Os tópicos que discorrem a seguir, partem de conceitos, baseados em livros e artigos, que mostram o quão fundamental um bom projeto de arquitetura de interiores é, para o conforto, design e satisfação dos clientes.

Deste modo, nesse capítulo serão apresentadas algumas considerações necessárias para o conhecimento, com relação à arquitetura de interiores residencial, principalmente destacando a importância do tema.

2.1. CONCEITOS

Neste capítulo serão apresentados conceitos básicos diretamente relacionados com o tema abordado. Palavras-chave, que serão usadas com frequência na pesquisa e por isso devem estar bem entendidas e esclarecidas diante os leitores.

2.1.1 ESPAÇO

O espaço é um elemento puro na arquitetura de interiores e se faz primordial para o projetista. (CHING, 2008)

Gurgel (2005) complementa, dizendo que o espaço, ambientes em questão, o que existe parede, teto e piso, é o ponto de partida da criação, sendo essencial para a arquitetura de interiores, pois, sem ele não há projeto.

Porém Ching (2008) ainda cita que, ele não é uma matéria, ele não tem definição universal e por isso, é formado pela percepção que temos da relação dos elementos introduzidos nele, então, ele herda as características estéticas dos elementos no seu entorno. Assim, no projeto arquitetônico os elementos são organizados pra dar forma pra edificação e definir os limites internos do espaço. Portanto, a percepção que sentimos de delimitação ao entrar em um abrigo é resultado dos planos de pisos, paredes e tetos, que são elementos que definem os limites físicos do espaço interno, assim, eles imprimem certas qualidades arquitetônicas espaciais.

Gurgel (2005) deixa mais claro explicando que, a busca por organizar os materiais, entre eles as linhas, texturas e cores, junto com as diferentes formas, procurando alcançar um objetivo, sendo ele funcional ou estético, é o que hoje entendemos como espaço. Então, se soubermos selecionar corretamente, segundo nossos interesses, a composição dos elementos, pode-se conseguir estimular diferentes sensações. Assim, buscando harmonia no ambiente e escolhendo com cuidado

o tipo de iluminação, os materiais, as cores, as formas e as texturas, o espaço precisa colaborar positivamente para o bem-estar de seus ocupantes.

Para Frampton (1997), aquilo para o qual se criou um lugar, é dito como o espaço em essência, e é sempre unido em virtude de uma localização, assim os espaços recebem o ser das localizações.

Além dessas diferentes maneiras de definir o espaço, Zevi (2000) ainda defende que, muito mais do que larguras, comprimentos e alturas de elementos que encerram o espaço, a arquitetura mais bela é, aquela que tem um espaço interior que atrai o observador, o eleva, e em seu contrário é aquela que o aborrece ou repele.

Dessa forma, seguindo essa linha do espaço interior, Netto (1999) alerta que, não é suficiente trabalhar a partir de noções espaciais como dados primeiros em seu interior, é preciso propor organizações espaciais na arquitetura, que tenham função de educadoras dos usuários, mostrando o caminho de uma mudança de comportamento que venha aperfeiçoar.

Assim, para ter um bom ajuste entre ambiente e comportamento, é necessário que os componentes do ambiente estejam em harmonia com o comportamento espacial, removendo sempre os desajustes ou neutralizando o que os provoca. (SNYDER, 1984)

Projetando com harmonia entre os dados intelectuais e emocionais do arquiteto, e relacionando-se com as percepções sensoriais do espaço, a arquitetura consegue mostrar o que antes era invisível. Podemos, dessa forma, contribuir na criação de ambientes que deixem as pessoas colocarem suas marcas pessoais, para isso, devemos ir não só no encontro de exigências, mas construir um objeto cumprindo um propósito, que possa beneficiar diversos usuários. (HERTZBERGER, 1999)

É assim, em função de uma técnica, um programa, e uma intenção, que a arquitetura se faz uma construção com o propósito de organizar o espaço e os volumes. (COSTA, 1980)

E é no aspecto função, que a arquitetura trás respostas a exigências cotidianas da vida, em termos de número de espaços, e tipo, para atividades da relação de espaços entre si, como complementaridade, proximidade e distancia. (HOLANDA, 2013)

2.1.2 DESIGN

Segundo Gurgel (2005), se percebermos que na atualidade, o design, quando aplicado a qualquer elemento, afeta não somente as pessoas que o utilizam e, os objetos que interagem com ele mas, maior ainda, afeta nosso meio ambiente, conseguimos concluir que sua importância é evidente.

Então, um bom design, ou o design ideal, é aquele que mostra um resultado harmônico e criativo ao organizar variadas formas, texturas, luzes e cores, evitando a monotonia e assim, gerando, diversas emoções, dependendo da cor e da orientação das formas, na busca de um bom projeto ou projeto ideal para um espaço habitável ou comercial.

Higgins (2005) ainda ressalta citando que, a criação de interconexões, entre as pessoas e as edificações dos usuários, é dedicada ao design de interiores. Assim, ele leva em consideração questões relacionadas à estratégia de projeto e também detalhes. Além da escolha de material, ergonomia, acústica e iluminação, é questão crucial para o sucesso de qualquer interior a organização espacial do que é necessário para que o ambiente interno consiga satisfazer suas exigências funcionais.

2.1.3 ARQUITETURA DE INTERIORES

A história da arquitetura em si, nos permitiu criar ordem, dar sentido ao curioso, conseguir abrigo, então pode-se dizer que ela se liga perfeitamente com a história do esforço humano. E por isso não há razão para que nenhuma edificação, da mais sublime à mais humilde, seja menos do que inspiradora, pois é em sua melhor forma, que a arquitetura eleva nossos espíritos, sendo bem diferente de um mero edificar. (GLANCEY, 2001)

Desse modo Benevolo (2004) cita que, baseada nas mesmas leis do mundo natural, a arquitetura, em seu mundo artificial, trabalha com um sistema de relações geométricas e, depende da observação do olho humano em perceber esse sistema em cada uma das partes (forma, textura, cor), marcada por observações sucessivas.

Já para Ching (2008) a definição de espaço, arquitetonicamente falando, é ultrapassada pela arquitetura de interiores, pois ao planejar o leiaute há uma possibilidade de enriquecimento do espaço e, assim, o projetista de interiores, pode escolher entre desenvolver, continuar ou apresentar um contraponto no espaço arquitetônico, através do mobiliário por exemplo. Então, ele deve estar consciente de seu caráter arquitetônico e do seu potencial de modificação e melhoria.

Assim, a formação do espaço interno se dá através do sistema estrutural da edificação, depois dos planos de paredes e tetos, janelas e portas, e assim, cada padrão tem uma geometria que molda o volume de espaço e determina sua aparência. Então, quando introduzimos outros elementos no recinto, ele não somente ocupa espaço mas, cria relações espaciais entre ele e o entorno, portanto, os elementos se organizam em conjunto, e assim, reconhecemos a forma do espaço em

torno do elemento depois que ele ocupou o vazio e, isso define e articula a forma espacial em seu interior. (CHING, 2008)

É assim, em função de uma técnica, um programa, e uma intenção, que a arquitetura se faz uma construção com o propósito de organizar o espaço e os volumes. (COSTA, 1980)

Ching (2008) ainda complementa esse assunto explicando que, ao harmonizar espaço e forma em um só, a arte da arquitetura além de facilitar o propósito e tornar-se visível, também se faz significativa.

2.2 O PROJETO

Pessoa e ambiente faz-se um só, visto do ponto em que o ambiente é uma continuação do ser humano em sua forma de habitar, trabalhar e viver, por isso nunca devem ser pensados separadamente. Os projetos necessitam de consideração com a vida humana, desse modo é preciso ter preocupação com funcionalidade, estética e conforto. Assim, se faz necessário dar valor à humanização nos espaços na hora de fazer reformas ou adaptações aos ambientes, para que vá além de satisfazer idéias de beleza de acordo com o seus usuários, mas sim torná-los ambientes que tragam qualidade de vida, aumentando as relações de convivência humana de forma plena. (MERINO, 2012)

Assim, o objetivo principal de um bom projeto é mostrar da melhor maneira possível a combinação de ambiência, as circulações, a iluminação, a funcionalidade, e o design de interiores convidativo. Esses são os principais elementos que devem ser. (MORGAN, 2011)

O programa de necessidades é de extrema importância para a formação de espaços em que se possa fazer funções particulares, isso trará uma abordagem original ao ambiente e em toda a organização do seu espaço interior. Assim, tem-se inúmeras maneiras de fazer com que o cliente se torne o ponto de partida da idéia conceitual. (HIGGINS, 2015)

Além da funcionalidade, as dimensões humanas e a variação de articulações motoras precisam ser tratadas de forma inteligente pelo profissional. Para que o projeto não mostre problemas com a dimensão física no espaço livre e alcance, o arquiteto precisa ter acesso a um banco de dados com dimensões e tamanhos corporais. (PANERO, 2002)

Portanto, é indispensável à aplicação de padrões ergonômicos em um projeto. Deve-se trabalhar para criar ambientes em que a forma e a função andem em harmonia, e os espaços sejam projetos especialmente para o homem e sua função. Não pode-se admitir projetos onde os ambientes não condizem com as proporções do corpo humano e suas limitações, pois para profissionais de

arquitetura é fundamental proporcionar conforto e bem estar em qualquer que seja o projeto. (GURGEL, 2005)

3. METODOLOGIA

Posto o problema em torno do qual foi perseguido o desenvolvimento teórico, o presente trabalho valeu-se em termos de metodologia, de uma análise crítica e dialética, baseada em referencial bibliográfico e coleta de dados.

Conforme Lakatos e Marconi (2001), a revisão bibliográfica se perfaz na avaliação de determinada situação que, quando da formulação do problema, não se tem pleno conhecimento da situação concreta perquirida, razão pela qual se utiliza de informações proporcionadas por pesquisas iguais ou semelhantes, ou mesmo complementares de certos aspectos da pesquisa pretendida, que já tenham ocorrido anteriormente.

A busca por tais fontes, documentais ou bibliográficas, sobre o tema escolhido de projeto de arquitetura de interiores, faz-se necessária a fim de evitar a ocorrência de duplicidade de esforços em torno do mesmo objeto, de modo a não ocorrer resultado idêntico ao anteriormente definido por outra pesquisa.

Já a análise de dados, para Trujillo *apud* Lakatos e Marconi (2001), consiste na busca pela contextualização dos conteúdos do fenômeno estudado e os demais fatores. Essas relações podem ser estabelecidas em função de suas propriedades relacionais de causa-feito, produtor-produto, de correlações, de análise de conteúdo, etc.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Será apresentado neste capítulo um estudo de caso prático, com análises, fazendo assim a aplicação no tema delimitado no trabalho.

Fonte de prazer, e puro estimulante, é a maneira como se constrói o ambiente (CULLEN, 1983).

4.1 ERGONOMIA

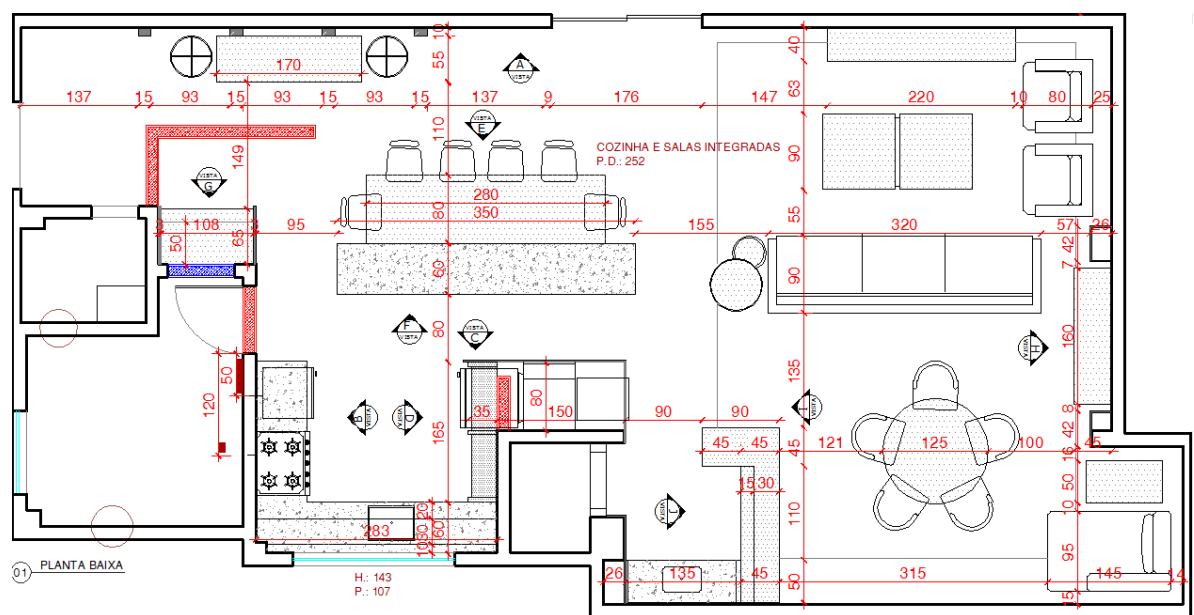
Já falando sobre comodidade e conforto físico-espacial nos ambientes, Ching (2001) alerta

que, os primeiros determinantes de escala e proporção são as dimensões do nosso corpo, estando totalmente ligada ao leiaute do espaço de uma edificação. Porém sabe-se que, existe uma diferença entre as dimensões do nosso corpo, e os resultantes de como agimos, e elas variam de acordo com a atividade e situação social do indivíduo.

A partir deste tópico, será analisado um estudo de caso escolhido, dentre os projetos trabalhados no período de estágio obrigatório, um projeto de interiores de um ambiente integrado e amplo. Apartamento familiar, nos ambiente de sala de estar, refeições, cozinha, churrasqueira gourmet e hall de entrada.

Abaixo, na figura 01, pode-se perceber que a planta baixa do estudo de caso escolhido fornece medidas que foram pensadas especialmente para o conforto e funcionalidade aos clientes, que são um casal jovem e moderno. As paredes pintadas e hachuradas em vermelho serão demolidas, e as azuis serão construídas, visando uma maior funcionalidade e amplitude no layout.

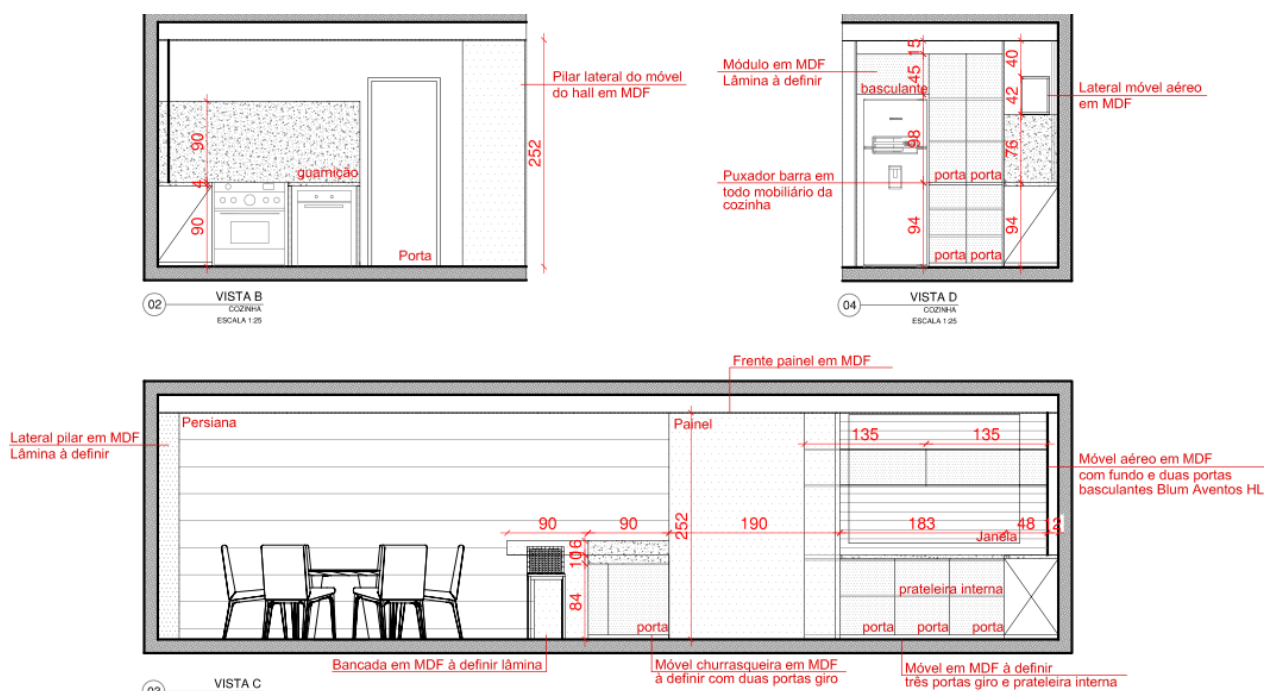
Figura 1: Planta Baixa Mobiliário



Fonte: Hipérbato Arquitetura (2017)

Abaixo, a figura 02 mostra, em vistas, as alturas utilizadas no projeto, referente às bancadas e móveis da cozinha e churrasqueira. Pode-se perceber que a maioria foi projetada com altura média de 94cm, exceto a bancada da churrasqueira que terá uma altura maior (100cm), já que nela serão utilizadas banquetas.

Figura 2: Vistas Mobiliário



Fonte: Hipérbato Arquitetura (2017)

4.2 EQUILÍBRIO E PROPORÇÃO

Pensando em proporcionar conforto e bem estar, a arquitetura de interiores trás características baseadas em linhas, texturas, cores e tipos de equilíbrio. No último, é necessário que as partes mantenham-se compensadas, porém, as vezes, é necessário criar uma falsa sensação de equilíbrio, com objetos de peso visual, para que o perfeito funcionamento do espaço não seja prejudicado. É sempre fundamental que a proporção esteja presente em qualquer trabalho de arquitetura de interiores, tanto a proporção real citada acima entre as partes, como a ligada ao croqui, com régua de escala. (MANCUSO, 2011)

Abaixo, a figura 03 mostra alguns pontos do projeto de interiores que foram pensados exclusivamente para garantir o equilíbrio e a proporção no ambiente.

Como o apartamento já tinha alguns pilares, outros foram criados no decorrer do projeto, pensando na simetria do local. Assim, pode-se perceber que no hall de entrada quatro pilares em gesso foram criados, perante o revestimento inserido na parede e, além disso, um aparador e um bando, com alturas diferentes e proporcionais, compõe o equilíbrio do local, juntamente com duas luminárias de piso, uma em cada extremidade dos pilares.

A porta de correr central, que dá acesso aos quartos, se destaca pela cor branca, centralizada em painéis de madeira que revestem a parede e, é aparado por dois pilares, um em cada lateral, tornando a divisão entre o hall de entrada e a sala de estar mais visível e, ao mesmo tempo proporcional.

Figura 3: Cozinha e Sala



Fonte: Hipérbato Arquitetura (2017)

Os painéis amadeirados que revestem a parede e, os pilares sucessivos pintados de cor nude, continuam - seguindo a mesma linha do hall e cozinha - na sala de estar e churrasqueira gourmet, pensando no equilíbrio e proporção da integração dos ambientes.

Figura 4: Salas Integradas



Fonte: Hipérbato Arquitetura (2017)

A paleta de cores escolhida para o projeto se mostra presente em todos os materiais usados. No revestimento das paredes, nos móveis, nas pedras, e nos tecidos escolhidas para o sofá e poltronas, cadeiras e cortinas. As cores em tom nude, fendi, marrom, branco e amadeirado, compõe um belo ambiente acolhedor e equilibrado.

Figura 5: Salas e Churrasqueira



Fonte: Hipérbato Arquitetura (2017)

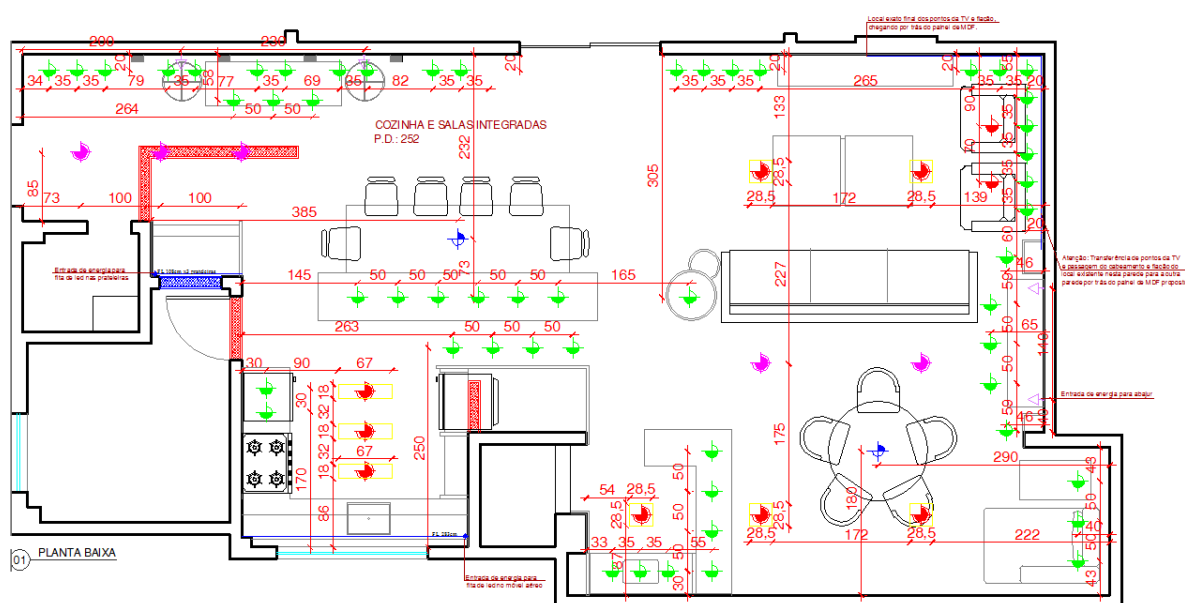
4.4 A ILUMINAÇÃO

Os níveis de luz em um local são dependentes de dois pontos, ou depende da experiência que o ambiente deseja passar, ou depende de objetivos como tarefas mais específicas que serão realizadas, assim, devem apresentar mais iluminância para atividades de mais riscos ou mais longas, com menores escalas, e também para pessoas mais velhas (BROWN, 2004).

Abaixo segue a planta luminotécnica do apartamento, que conta com diversos pontos e luminárias diferentes.

Spots de dicroicas e AR 70 são para destacar os móveis, objetos e paredes, já a iluminação geral dos ambientes conta com plafons embutidos e pendentes. Além disso, alguns móveis contam com a fixação de fitas de led.

Figura 6: Planta Luminotécnica



Fonte: Hipérbato Arquitetura (2017)

Abaixo segue a listagem de luminárias, baseada no projeto luminotécnico desenvolvido pelo escritório e, que foram adquiridas pela cliente.

Figura 7: Listagem de Luminárias

 DICROICA	BELLAILUMINAÇÃO REF: NS7000B 3.000K LINHA CONECTA COR.AP. BRANCA	HALL 15 UND COZINHA 12UND ESTAR 13UND GOURMET 15UND	TOTAL: 55UND
 AR 70	BELLAILUMINAÇÃO REF: NS7700B 3.000K LINHA CONECTA COR.AP. BRANCA	GOURMET 2UND HALL 3UND	TOTAL: 5UND
 PLAFON EMBUTIDO	PIULUCE ILUMINAÇÃO EMBTITO SEM ABAS REF: 5611 300X300CM COM 1 AR 70	GOURMET 3UND ESTAR 2UND	TOTAL: 5UND
 FITA DE LED IMAGEM REFERÊNCIA	FITA DE LED LIGAÇÃO DIRETA 3.000K	HALL 3,30M DIVIDIDO EM 3 PARTES DE 1,10M CADA COZINHA: 2,83M	TOTAL: 6,13M
 PLAFON DE EMBUTIR IMAGEM REFERÊNCIA	COR.AP. BRANCA 3.000K 80CM DE LARGURA	COZINHA 3UND	TOTAL: 3UND

Fonte: Hipérbato Arquitetura (2017)

4.5 CORES, TEXTURAS E MATERIAIS

Sobre as cores e texturas, sabe-se que a luz pode ser de qualquer cor, e quando ela incide sobre os objetos materiais ela tem o poder de afeta-los, diante disso, a cor e a luz se fazem inseparáveis. A textura se relaciona com a luz no sentido da visão, elas são visíveis e podemos sentir sua característica, pode-se dizer que a textura ela também se relaciona com as características dos materiais, sendo alcançada por meio de acabamentos da superfície, como tinta, verniz ou tecido, mudando a maneira com que os materiais podem ser tratados e usados. (UNWIM, 2013)

Como já citado no tópico de equilíbrio e proporção, a paleta de cores escolhida para o projeto, em tom nude, fendi, marrom, branco e amadeirado, se faz presente no revestimento das paredes, nos móveis, nas pedras, e nos tecidos escolhidas para o sofá, as poltronas, cadeiras e cortinas, compondo um ambiente acolhedor e harmonioso.

A figura abaixo mostra que, no ambiente do hall de entrada, foi utilizado o revestimento de travertino bruto na parede, luminárias de piso com pés amadeirados, e um banco em cisal e madeira, compondo com um aparador de pés metálicos dourados, além de um gaveteiro, à direita, com suas frentes todas revestidas por couro marrom.

Figura 8: Hall de Entrada



Fonte: Hipérbato Arquitetura (2017)

No ambiente churrasqueira gourmet, refeições e estar, os materiais naturais continuam na mesma paleta de cores, com painéis amadeirados, texturas de cisal, pedra granito marrom absoluto, e sofás e poltronas em tecido linho.

Figura 9: Churrasqueira e Refeições



Fonte: Hipérbato Arquitetura (2017)

Na cozinha, o granito marrom absoluto é o mesmo da churrasqueira, porém a ilha - à frente da cozinha - traz outra cor de pedra escolhida, o branco novulato, mantendo-se dentro da paleta de cores. Os móveis todos em tom de fendi, e a persiana em linho.

Figura 10: Cozinha



Fonte: Hipérbato Arquitetura (2017)

Além disso, é imprescindível lembrar que, a durabilidade dos materiais e a excelência técnica são fatores de extrema relevância para que se tenha uma arquitetura com solidez, e resistente às intempéries. (COLIN, 2000)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos e pesquisas feitas, tendo em vista os exemplos analisados, e tendo como objetivo abordar uma teoria de estímulo ao assunto abordado, concluiu-se a grande relevância no estudo aprofundado do projeto de arquitetura de interiores.

Zevi (2000) defende que, muito mais do que larguras, comprimentos e alturas de elementos que encerram o espaço, a arquitetura mais bela é, aquela que tem um espaço interior que atrai o observador, o eleva, e em seu contrário é aquela que o aborrece ou repele.

Dessa forma, foram apresentadas teorias embasadas em conceitos, destacando como funciona o projeto. Foram apresentadas análises sob um estudo de caso específico escolhido no

estágio, e teve como objetivo principal, analisar o projeto, sob a relação de projeto e design, sendo respaldado pela revisão bibliográfica, onde foram apresentados conceitos de espaço, design e arquitetura de interiores, e analisados os tópicos de ergonomia, equilíbrio e proporção, cores e texturas, materiais e iluminação.

No entanto, o artigo foi concluído visando um bom embasamento para o desenvolvimento de um projeto de arquitetura de interiores, desde o projeto até a execução, resultando em uma arquitetura de interiores de sucesso.

REFERÊNCIAS

BENEVOLO, L. **História da arquitetura moderna**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004.

BROWN, G. Z. **Sol, vento e luz: estratégias para o projeto de arquitetura**. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

CHING, F. D. K. **Arquitetura: forma, espaço e ordem**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

COSTA, L. **Arquitetura**. Rio de Janeiro: MEC-FENAME/BLOCH, 1980.

CULLEN, G. **Paisagem Urbana**. Lisboa: Edições 70, 1983.

FRAMPTON, K. **História crítica da arquitetura moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GLANCEY, J. **A história da arquitetura**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

GURGEL, M. **Projetando espaços: guia de arquitetura de interiores para espaços residenciais**. 3.ed. São Paulo: SENAC, 2005.

HERTZBERGER, H. **Lições da Arquitetura**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HIGGINS, I. **Planejar espaços para o design de interiores**. São Paulo: Gustavo Gili, 2015.

HOLANDA, F. de. **10 mandamentos da arquitetura**. Brasília: FRBH, 2013.

FAG, Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz. **Manual para elaboração e apresentação de trabalhos acadêmicos**. Cascavel - PR, 2015.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos metodologia científica**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LIMA, Mariana Regina Coimbra de. **Percepção visual aplicada à Arquitetura e à Iluminação**. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda, 2010.

MERINO, P. Design de Interiores como instrumento de humanização: ambientes para conviver. **Escola de Arte + Design**. 2012. Disponível em: <<http://www.abra.com.br/artigos/26>> Acesso em: 23 fev. 2017.

MORGAN, T. **Visual Merchandising: Vitrines e interiores comerciais**. 2.ed. Barcelona: Gustavo Gili, 2011.

NETTO, J. T. C. **A construção do sentido na arquitetura**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

PANERO, J.; ZELNIK, M. **Dimensionamento humano para espaços interiores**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2002.

SACKRIDER, Françoise. **Entre vitrinas: distribuição e visual merchandising na moda**. São Paulo: Editora SENAC, 2009.

SNYDER, J. C.; CATANESE, A. **Introdução à Arquitetura**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1984.

UNWIM, Simon. **A análise da arquitetura**. 3.^a Ed. Porto Alegre: Bookman, 2013.

ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura**. 3.^a Ed. São Paulo: Studio 3 Desenvolvimento, 2000.